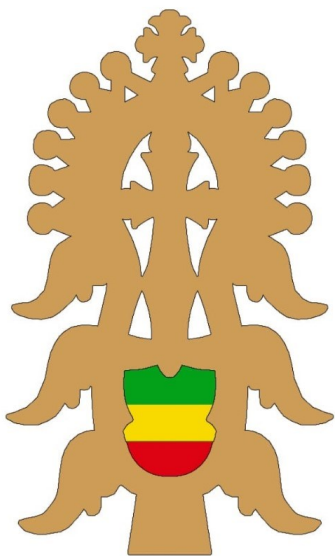




የኢትዮጵያ ኦርቶዶክስ ተዋሕዶ ቤተ ክርስቲያን ሃይማኖትና ሥርዓት

The Ethiopian Orthodox Tewahedo Church Faith and Order

The First Sunday of Zemene Tsom (*The Season of Lent*)

Liturgical Readings:

Heb. 13:7 – 17; James 4: 6-end; Acts 25: 13 -end

Psalms 2:11;

John 3:10-25

The Anaphora of Our Lord

«Servi ao SENHOR com temor e alegrai-vos com tremor» (Salmo 2,11)

O santo Salmista nos introduz em um mistério que se encontra no próprio coração da fé ortodoxa: um temor que não sufoca a alegria e uma alegria que não anula a reverência. «Servi ao SENHOR com temor e alegrai-vos com tremor» não é uma contradição, mas uma harmonia divina. Na herança teológica da Igreja Ortodoxa Etíope, moldada pelas Sagradas Escrituras, pelos Pais e pelo culto vivo da Igreja, o temor de Deus não é entendido como terror diante de um poder arbitrário, mas como amor reverente e cheio de assombro diante do Santo, que é ao mesmo tempo Juiz e Pai, fogo consumidor e Redentor misericordioso.

A primeira manifestação do temor na história humana encontra-se no Éden. Quando Adão ouviu a voz do SENHOR Deus caminhando pelo jardim, confessou: «Tive medo, porque estava nu, e me escondi» (Gênesis 3,10). Esse temor não nasceu da reverência, mas da ruptura. O pecado deformou o coração humano e o temor tornou-se alienação, ocultação e vergonha. O livro de Provérbios testemunha esse temor decaído quando nos recorda que «o ímpio foge, embora ninguém o persiga» (Provérbios 28,1). Tal temor é o fruto amargo da desobediência, a testemunha interior de que a comunhão com Deus foi ferida.

No entanto, o Evangelho proclama uma cura decisiva. Os cristãos não vivem sob o mesmo temor que dominou Adão e Eva, pois não recebemos «um espírito de escravidão, para voltar a estar em temor, mas... o Espírito de adoção, pelo qual clamamos: Abba, Pai» (Romanos 8,15). São João declara com clareza apostólica: «No amor não há temor; antes, o perfeito amor lança fora o temor» (1 João 4,18). O terror de um julgamento sem misericórdia não é a herança daqueles que estão em Cristo. Fomos libertos, redimidos e restaurados à intimidade filial. E, paradoxalmente, as Escrituras não aboliram o temor: elas o transfiguraram.

Aqui reside a distinção essencial. O temor que nasce do pecado não é o temor que a Escritura recomenda. O temor do SENHOR está enraizado no amor, na humildade e na obediência reverente. «O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria; os loucos desprezam a sabedoria e a instrução» (Provérbios 1,7) e novamente: «O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria» (Provérbios 9,10). Esse temor não afasta o justo de Deus, mas o aproxima, como exclama Davi: «Alegrai-vos no SENHOR, ó justos; aos retos convém o louvor» (Salmo 33,1). Assim, temor e alegria não são adversários, mas companheiros no caminho da santidade.

Por que, então, o temor do SENHOR é o princípio do conhecimento? Porque o verdadeiro conhecimento de Deus exige entrega total. Quem teme ao SENHOR não Lhe nega nada. Abraão é o supremo testemunho. Quando estendeu a mão no monte Moriá, o Anjo do SENHOR declarou: «Agora sei que tu temes a Deus, visto que não me recusaste teu filho, teu único» (Gênesis 22,12). O temor de Abraão não foi medo, mas confiança total, e tornou-se graça, bênção e aliança

para gerações. Do mesmo modo, Jacó confessou que, sem «o temor de Isaque», teria sido enviado vazio (Gênesis 31,42). O temor de Deus o preservou, defendeu e sustentou.

A Sagrada Escritura também testifica que aqueles que temem ao SENHOR nunca são abandonados: «O anjo do SENHOR acampa-se ao redor dos que o temem e os livra» (Salmo 34,7). O SENHOR mesmo fala, cria e governa todas as coisas com soberana majestade (Salmo 33,9.11.14), e ainda assim se aproxima daqueles que temem o Seu Nome. Salomão, herdeiro da sabedoria de Davi, exorta os fiéis a temer ao SENHOR e aborrecer o mal (Provérbios 8,13), enquanto o Novo Testamento confirma esta mesma verdade na vida de Cornélio, o centurião romano, «um homem devoto e que temia a Deus com toda a sua casa... cujas orações foram ouvidas» (Atos 10,2). O temor de Deus abre o céu, santifica a oração e convida à visitação divina.

Amados em Cristo, este temor santo também nos liberta de todo outro temor. Os Apóstolos, diante de autoridades hostis, declararam: «Antes importa obedecer a Deus do que aos homens» (Atos 5,29). Félix tremeu quando confrontado com a justiça e o juízo vindouro (Atos 24,25), mas seu temor não o conduziu ao arrependimento, e sim à procrastinação. A Escritura adverte solenemente sobre a expectativa temerosa de juízo para aqueles que persistem voluntariamente no pecado (Hebreus 10,26–27), e o Apocalipse fala dos medrosos e incrédulos, separados da vida de Deus (Apocalipse 21,8). Tal temor pertence aos que rejeitam a graça. Para nós, contudo, o temor foi transformado, pois Cristo nos fez filhos. Por isso, O amamos e, amando-O, tememos entristecê-Lo.

São Paulo expressa esta sagrada tensão quando exorta os fiéis: «Ocupa-vos da vossa salvação com temor e tremor» (Filipenses 2,12). Não se trata de ansiedade, mas de vigilância; não de desespero, mas de devoção. São Pedro igualmente ordena: «Comportai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação» (1 Pedro 1,17), lembrando que Deus julga sem parcialidade. No mesmo espírito, a Epístola aos Hebreus nos chama a lembrar daqueles que nos governam, a obedecer e a submeter-nos com humildade, pois vigiam sobre nossas almas como aqueles que devem prestar contas (Hebreus 13,7–17). Tal obediência reverente é, em si mesma, expressão do temor de Deus, guardando a unidade e a santidade da Igreja.

São Tiago nos instrui ainda: «Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes... Humilhai-vos perante o Senhor, e Ele vos exaltará» (Tiago 4,6–10). O temor santo e a humildade são inseparáveis. O orgulho extingue o temor; a humildade o preserva. Até São Paulo, diante do rei Agripa, falou com reverência destemida, dando testemunho da verdade de Cristo com clareza e moderação, deixando o julgamento a Deus (Atos 25,13–27). Sua ousadia não nasceu da arrogância, mas de uma consciência formada pelo temor do SENHOR.

Por isso oramos com o Salmista para que o SENHOR nos salve dos nossos pecados (Salmo 18,13), sabendo que a salvação em si mesma inclui o dom do santo temor. Pelo profeta Jeremias, Deus promete: «Porei o meu temor no coração deles, para que não se afastem de mim» (Jeremias 32,40). Este é um temor de aliança: plantado pela graça, sustentado pelo amor e aperfeiçoado na obediência. Mantém o crente no abraço de Deus, não por coerção, mas por desejo transformado.

Temer a Deus, então, é permanecer continuamente diante de Sua presença com assombro, gratidão e amor. É alegrar-se, e ainda assim tremer; aproximar-se e, ao mesmo tempo, inclinar-se. Na fé ortodoxa etíope, este temor é vivido diariamente na oração, no jejum, na liturgia e nos sacramentos, onde o céu e a terra se encontram e os fiéis clamam: «Santo, Santo, Santo». Que o SENHOR nos conceda tal temor — não o temor de nos esconder, mas o temor de permanecer; não apenas o temor do juízo, mas aquele que floresce em sabedoria, obediência e alegria eterna.